

**O CONCEITO DE CUIDADO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ANÁLISE A
PARTIR DE MARTIN HEIDEGGER**
[THE CONCEPT OF CARE IN PANDEMIC TIMES: AN ANALYSIS FROM
MARTIN HEIDEGGER]

Jéferson Luís AZEREDO

Doutorado em Filosofia pela UNISINOS, Docente na
UNESC.

E-mail: jeferson@unescc.net

Janaína Niero MAZON

E-mail: jananiemazon@hotmail.com

Joyce Della JUSTINA

E-mail: joycedellajustina@gmail.com

Gustavo Carvalho FRETТА

E-mail: gustavomodulob8@gmail.com

Resumo

A pandemia causada pelo novo COVID-19 (SARS-CoV-2), no ano de 2020, vem mobilizando intensamente milhares de pessoas em diversas partes do globo. Nessa conjuntura, o verbo cuidar ganha notoriedade e torna-se uma palavra de ordem indispensável para a promoção da saúde, sendo torrencialmente propagado nos mais variados canais de comunicação. Com base nisso, este estudo objetiva traçar uma relação entre o conceito de cuidado na obra de Martin Heidegger e a situação social da pandemia causada pelo Covid-19. Para tanto, os pesquisadores optaram pela realização de uma revisão de literatura envolvendo a obra Ser e Tempo de Martin Heidegger (2005). Pode-se revelar que o conceito de cuidado (Sorge) é postulado por Heidegger como ser do ser-aí, sendo a unidade da sua estrutura originária fundamental. A compreensão desse conceito, além disso, representa uma potencial possibilidade de mudanças paradigmáticas para pensar novas formas de enfrentamento em tempos de crise.

Palavras-chave

Heidegger, Cuidado, Pandemia.

Abstract

The pandemic caused by the new COVID-19 (SARS-CoV-2), at the beginning of the year 2020, has been intensely mobilizing thousands of people in different parts of the globe. In this juncture, the word "care" got notoriety and became an indispensable slogan for health appreciation, being torrentially propagated in the most varied communication channels. Based on this, this study aims to trace a relationship between the concept of care presented in the work of Martin Heidegger and the social situation of the pandemic caused by new Covid-19. To this end, the researchers opted for a literature review involving the work Being and Time by Martin Heidegger (2005) from a hermeneutic methodology, seeking to relate the interpretation that we see of care in relation to what the philosopher has developed. It starts mainly from the concept of care (Sorge) postulated by Heidegger as being of the being-there, being the unit of its original structure fundamental. The understanding of this



concept, moreover, represents a central possibility in this research for paradigmatic changes to think about new ways of coping in times of crisis, in addition to the common and common sense used in times of pandemic.

Keywords

Heidegger, Care, Pandemic.

1 Introdução

A pandemia causada pelo novo COVID-19 (SARS-CoV-2) vem mobilizando intensamente milhares de pessoas em diversas partes do globo. No Brasil, já em meados de maio de 2021, o total de casos documentados já soma 14.856.888 e é acompanhado de um número de 411.588 mortes registradas (BRASIL, 2021). Com o alto número de contágios e a alarmante quantidade de óbitos, o verbo “cuidar” ganha notoriedade e torna-se uma palavra de ordem indispensável para a promoção da saúde, sendo torrencialmente divulgado nos mais variados canais de comunicação.

Entretanto, a despeito da abundante propagação de medidas protetivas e a sistemática reiteração da relevância do ato de “cuidar” e “cuidar-se” em meio a uma severa crise de saúde, paradoxalmente a curva de contágio permaneceu ascendente por um período relativamente extenso, tendo como resultado uma emergência desenfreada de novos casos diários (BRASIL, 2020). Em vista disso, faz-se necessária uma problematização acerca do que podemos compreender quando ouvimos o conceito de cuidado, largamente empregado durante o atual período pandêmico. Nosso olhar se dirige a uma compreensão do cuidado a partir da noção trabalhada pela filosofia de Martin Heidegger, especialmente fazendo uma relação pelo conceito de cuidado por ele trabalhado na obra *Ser e Tempo* (2005).

Em Heidegger (2005), o cuidado.¹ (*Sorge*), ao contrário do que reza o uso corrente da expressão que temos ouvido, não se encerra em uma ação protetiva ou um exercício prático passível de treinamento que teria uma estrita finalidade de preservação e promoção

¹ “**Cuidado** (lat. *Cura*; al. *Sorge*, it. *Cura*). O C. é a totalidade das estruturas ontológicas do ser-aí enquanto ser-no-mundo: em outros termos, compreende todas as possibilidades da existência que estejam vinculadas às coisas e aos outros homens e dominadas pela situação” (ABBAGNANO, 2007, p. 224, grifos do autor).



do bem-estar alheio ou pessoal. Assim sendo, não estamos atribuindo o cuidado com alguma técnica aplicada que apenas produziria um resultado imediato e útil.

O termo em Heidegger é empregado em sentido “[...] puramente ontológico-existencial. Fica excluída dessa significação toda tendência *ôntica* como cuidado ou descuido” (2005, p.257). A primeira questão aqui apontada é que o cuidado, nesse contexto, é compreendido como algo essencial, algo que representa intimamente cada um e não pode ser resumido em uma atitude ou função, mas se caracteriza como um si em si-mesmo. Essa leitura se faz presente quando compreendemos o ser, como ser-aí²(*Dasein*) — ente privilegiado que compreende seu ser — e é por ele mesmo que o cuidado se exprime, de modo que em sua condição de ser-no-mundo (um dos modos de ser) ele se relaciona tanto com as coisas (chama-se esta relação de: ocupação (*besorge*) e com-os-outros (de: preocupação) (HEIDEGGER, 2005), o que nos leva a pensar que é o primeiro e mais importante existencial, pois pelo cuidado há uma legítima relação que nós mantemos com o ser em si-mesmo.

Apoiados em Heidegger, nosso estudo pretendeu traçar uma relação entre o conceito de cuidado trabalhado por Heidegger e a situação social da pandemia causada pelo Covid-19 em que se destaca publicamente o cuidado como central nesta “saída” da pandemia a uma vida saudável e preservada. Buscou-se, com isso, destacar de que forma podemos compreender o cuidado, não como uma simples representação ou ênfase midiática em virtude dos tempos atuais da pandemia ou como meros exercícios, mas propiciar às pessoas mais acesso a fontes que viabilizem uma retomada da vida como originária e essencial, ou seja, como cuidado em sua forma mais apreciativa, como em si-mesmo.

Procuramos, assim, recuperar o conceito de cuidado em seu sentido puramente ontológico, como existencial indispensável para ressignificar a vida em tempos de crise, considerando, nessa perspectiva, o ser humano como dotado da faculdade de

² “SER-AI (in. *There-being ou Reingthereness*; fr. *Réalité-humaine*, ai. *Dasein*; it. *Esserci*). [...] no uso filosófico contemporâneo, essa palavra ingressou com o significado atribuído pelo existencialismo, sobretudo por Heidegger, que a usou para designar a existência própria do homem. “Esse ente, que nós mesmos sempre somos e que, entre as outras possibilidades de ser, possui a de questionar, designamos com o termo *Dasein*.” (*Sein und Zeit*, § 2). Assim entendido, o S. possui um “primado ôntico”, no sentido de que deve ser interrogado primeiramente, e um “primado ontológico”, porquanto a ele pertence originariamente certa compreensão do ser: por isso, ele é também o fundamento de qualquer ontologia (Ibid, § 4). Na filosofia contemporânea, esse termo é habitualmente usado no significado específico estabelecido por Heidegger, como ser do homem no mundo” (ABBAGNANO, 2007, p. 888, grifos do autor).



redimensionar a própria existência e, mesmo em tempos calamitosos, encontrar sentido em suas escolhas.

2 Procedimentos Metodológicos

O presente estudo sucedeu na forma de pesquisa bibliográfica, que é assim concebida quando o trabalho é elaborado a partir de materiais previamente publicados, como livros, documentos e artigos, o que nos proporciona maior flexibilidade com o trato dos conceitos e a problematização requerida.

Em vista disso, numa primeira etapa do estudo, fomos ao encontro da filosofia de Martin Heidegger, especialmente nos apropriando da obra *Ser e Tempo*, escrita em 1927, que apontava uma indicação formal quanto ao sentido de ser. No intento de responder aos objetivos apresentados, o regresso à obra de Heidegger foi premente, tendo em vista que o autor, no § 41, define a essência do ser-aí como cuidado, principal conceito do presente trabalho.

Assim, tendo em mente a limitação temporal para a realização deste estudo, bem como a densidade do autor principal, optamos por focar especialmente na obra: *Ser e Tempo* (2005).

3 A compreensão de Heidegger sobre o cuidado: a tríplice estrutura

Heidegger, já no início da obra *Ser e Tempo*, seu maior trabalho, resgata uma das mais ressonantes questões da filosofia ocidental, a saber, a questão do ser. No propósito de descortinar ou “desocultar” o sentido do ser, o autor acaba realizando uma analítica existencial do ser-aí — ente privilegiado que compreende ser e pode indagar o seu próprio modo de ser. Na primeira secção da obra supracitada, no § 41, Heidegger (2005) define o cuidado (*Sorge*) como o ser do ser-aí. Ao contrário do que fizeram alguns representantes da filosofia clássica e moderna, como Platão³ e René Descartes⁴, Heidegger não reduz a questão do ser à racionalidade, mas o define como cuidado, que passa a ser compreendido como essência do ser-aí (PREGORARO, 2020). Nesse sentido, o cuidado antecede toda

³ Platão (428 a. C – 347 a. C) foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia antiga.

⁴ René Descartes (1596 – 1950) foi um filósofo, físico e matemático francês.



atitude técnica, objetiva ou racional, manifestando-se antes mesmo da apreensão do mundo pelo *cogito*⁵. Na qualidade de essência, o cuidado não é uma possibilidade ôntica dada ao ser-aí, mas sim uma abertura ontológica, um modo de compreender que não deve ser confundido como um processo cognitivo que permite saber de si ou do mundo, mas se apresenta como poder ser, isto é, como desdobramento de possibilidades de ser em cada contexto de referência. Essa compreensão da existência humana se encontra sempre em um modo possível de disposição, que remete, por sua vez, "a tonalidades afetivas que afinam radicalmente o espaço existencial da abertura e perpassam a própria convivência entre os seres-aí em geral" (Casanova, 2006, p. 50).

Desse modo, o existencial cuidado não pode ser compreendido como um exercício prático, uma obrigação na qual o ser-aí está imerso, que denota, por exemplo, a noção de comprometimento com as condições de saúde ou bem estar de algum ladeado. O termo é empregado no sentido "[...] puramente ontológico-existencial. Fica excluída dessa significação toda tendência ôntica como cuidado ou descuido." (HEIDEGGER, 2005, p.257). Isso implica dizer que o cuidado não é compreendido no plano meramente utilitarista instrumental, como tende a ser comumente designado na atual tessitura, mas é tomado como a estrutura ontológica fundamental do ser-no-mundo, sua essência, seu modo de ser.

Heidegger desenvolve o conceito de cuidado a partir de três caracteres ontológicos fundamentais: a facticidade, a existencialidade e a decadência. Ele adverte que essas determinações existenciais não fazem parte de um composto, onde poder-se-ia prescindir ou não de alguma delas, mas é "[...] na unidade dessas determinações ontológicas que se poderá apreender ontologicamente o seu ser como tal." (HEIDEGGER, 2005, p.255-256).

Sendo a existência em Heidegger algo factual, o que ele entende por facticidade (*Faktizität*) circunscreve-se como cuidado. O ser-aí, na sua inerente condição de ser lançado no mundo, que é definida pelo poder-ser, normalmente acha-se conjugado com uma de suas múltiplas possibilidades, sendo a facticidade remetida ao mundo das ocupações e da lida com os utensílios (ALMEIDA, 2008). Na sua relação com os demais entes, o ser-aí compreende-se, portanto, como um ser-no-mundo, estabelecendo relação

⁵ "*Cogito*. Abrevia-se nessa palavra a expressão cartesiana "*cogito ergo sum*" (Discours, IV; Méd., II, 6), que exprime a auto-evidência existencial do sujeito pensante, isto é, a certeza que o sujeito pensante tem da sua existência enquanto tal" (ABBAGNANO, 2007, p. 148, grifos do autor).



com os seres desprovidos de mundo (instrumentos) e com os outros entes privilegiados, como descreve Weyh (2019 p. 80):

É na facticidade do mundo, além disso, que o ser-aí se vê compreensivamente como um ser-no-mundo, junto aos demais entes (tanto aqueles com o mesmo modo de ser que o seu, privilegiados ontologicamente pela compreensão de ser, de si e de mundo = outros seres-aí; como daqueles que de fato estão no mundo, mas não existem nele, ou seja, aqueles para qual a existência não chega a constituir uma questão ontológico-existencial = entes simplesmente dados/intramundanos/utensílios).

A estrutura ontológica da existencialidade (*Existenzialität*), sendo constitutiva do existencial cuidado, é designada como o preceder a si mesmo do ser-aí, referindo-se ao poder-ser pertencente ao ser-aí (ALMEIDA, 2008). Assim, a existencialidade deve buscar uma abertura para evidenciar-se como o ser mais próprio, superando a sua questão de ser impróprio, visto que o ser-aí é não ele mesmo em suas relações com os outros e com os entes. E, posto que o ser-aí, na sua condição factual de ser lançado no mundo, está aberto a variadas possibilidades pelas quais lança-se em seu próprio projeto de sentido, como elucidado por Heidegger (2005, p. 256): “Do ponto de vista ontológico, porém, ser para o poder ser mais próprio significa: em seu ser, a pre-sença⁶ já sempre precedeu a si mesma. A pre-sença está sempre ‘além de si mesma’”.

Dessa maneira, a existência está liada ao projeto de sentido do ser-aí, e é nesse movimento de lançar-se projetivamente ao mundo, realizando escolhas (sejam próprias ou impróprias) que o ser-aí antecipa-se a si mesmo (WEYH, 2019).

Além disso, a estrutura tríplice do cuidado, articulada concomitantemente, é integrada pela decadência (*Verfallen*), que aponta diretamente para as relações de ocupação (*Besorge*) e preocupação (*Füorge*). O presente estudo, que pretende repensar o cuidado em tempos de crise, ocupa-se principalmente com o conceito de decadência e suas subdivisões (ocupação e preocupação), uma vez que este representa a tendência inerente do ser-aí de imergir na cotidianidade mediana, através da qual incorre em seu modo de ser mais impróprio; em outros termos, em seu modo mais impróprio de cuidar.

4 Decadência (ocupação e preocupação)

⁶ O termo pre-sença, com base na tradução da filósofa e tradutora Marcia Sá Cavalcante Schuback, é utilizado aqui como sinônimo de ser-aí (*Dasein*).



Pelo pensamento de Heidegger, por uma filosofia que deixou aparecer o fenômeno, o ser-aí é um ser-no-mundo-com-os-outros e com-as-coisas. No entanto, o trato com as coisas (entes desprovidos de mundo) e o trato com os seres dotados de mundo são assimétricos e recebem diferentes nomeações (PEGORARO, 2020). Conforme Weyh (2019), o cuidado para com os entes intramundanos que tem seu modo de ser exposto a partir da lida utensiliar é tomado como ocupação (*Besorge*), e, por sua vez, o cuidado dirigido aos outros entes existentes recebe o nome de preocupação (*FüSORge*). Assim sendo, a decadência (*Verfallen*), na qualidade de terceiro constituinte da definição tripartida de cuidado, revela-se em relações de ocupação e preocupação.

4.1 Ocupação (*Besorge*)

A ocupação é efetivamente entendida como uma ocultação⁷ (que também constitui o ser), pois o existir de fato do ser-aí não se finda apenas em um ser lançado indiferentemente para um poder-ser-no-mundo, mas também se encontra envolvido no mundo das ocupações (HEIDEGGER, 2005). Mesmo na decadência, condição em que o ser-aí perde a sua propriedade em meio aos outros entes intramundanos, sendo absorvido pelo mundo dos utensílios e, por conseguinte, recaindo ao seu modo de ser mais impróprio, há uma vontade que exige saída. Como sugere Pegoraro (2020), o ser do ser-aí configura-se como cuidado quando este volta-se para si mesmo e se abstém dessa ocupação.

O ser-aí, a partir do existencial ser-no-mundo, permanece ocupado em sua existência junto aos outros entes. A ocupação, nessa lógica, exprime a ideia de comportamento prático, sendo compreendida como o “[...] utilizar-se de um ente que está disponível para determinado uso.” (WEYH, 2019, p. 84). Nota-se que o modo do ser-aí lidar com os entes intramundanos constitui-se como ocupação, apresentando-se no manuseio dos instrumentos que vem ao seu encontro no contexto em que já estão inseridos.

Designamos o ente que vem ao encontro na ocupação com o termo *instrumento*. No modo de lidar por aí, encontram-se instrumentos de escrever, de medição de costura, carros, ferramentas. Trata-se, pois, de expor o modo de ser do instrumento, essa exposição acontece, seguindo-se o fio condutor de uma delimitação prévia daquilo que faz de um instrumento, instrumento, ou seja, da instrumentalidade (HEIDEGGER, 2005, p. 109-110, grifos do autor).

⁷ “Nós, homens da atual época do mundo, vivemos, no entanto, diz Heidegger, a indignação, a necessidade, a expectativa e a inquietação da ausência, da ocultação do sagrado” (HEIDEGGER, 1962, p. 232)



À vista disso, Heidegger (2005) nomeia os entes que o ser-aí ocupa com o termo instrumento, citando em seguida os exemplos mais prosaicos e afirmando que essa ocupação expõe o modo de ser do instrumento, que é apresentado na medida em que o ente intramundano vem de encontro com a ocupação, acha-se em seu todo instrumentalizado, traz consigo sua utilidade prévia, sua pertinência, de modo que o ser-aí prescindir qualquer análise temática ou teórica deste, como apregoado por Heidegger (2005, p. 110, grifos do autor):

O instrumento sempre corresponde à sua instrumentalidade *a partir* da pertinência a outros instrumentos: instrumento para escrever, pena, tinta, papel, suporte, mesa, lâmpada, móvel, janela, portas, quarto. Essas ‘cosias’ nunca se mostram primeiro para si para então encherem um quarto como um conjunto de coisas reais. Embora não apreendido tematicamente, o que primeiro vem ao encontro é o quarto, não como ‘vazio entre quatro paredes’, no sentido de espaço geométrico, mas como instrumento de habitação.

Assim sendo, os instrumentos não são apreendidos conceitual ou tematicamente, mas antes são imediatamente ocupados no contexto em que apresentam-se, de maneira que, uma vez dentro do quarto, imediatamente o ser-aí logra seu sentido, sua utilidade instrumental — quarto de lazer, quarto de estudos, quarto de visitas, etc. (WEYH, 2019). O instrumento não pode ser despojado da sua instrumentalidade. “Rigorosamente, um instrumento nunca é. [...] Em sua essência, todo instrumento é algo para...” (HEIDEGGER, 2005, p.110). Com efeito, um mesmo instrumento em diferentes contextos, como demonstrado no exemplo descrito acima, pode variar seu modo de ser.

4.2 Preocupação (*Füsrorge*)

Com a exposição do modo de cuidado compreendido como ocupação, coligiu-se que o ser-aí se ocupa dos instrumentos (*Zuhandenheit*), que são inteiramente instrumentalizados no contexto em que aparecem. Todavia, em meio a essa constante lida utensiliar, o ser-aí trava conhecimento da existência de outros seres com a mesma constituição existencial, outros seres mundanos que também se ocupam de instrumentos. Essa percepção enseja a existência da estrutura ontológica ser-com (*Mitsein*) (WEYH, 2019).



Em consequência disso, Heidegger (2005) lança mão da distinção entre a relação de ocupação manual da lida cotidiana com os entes e a relação com os outros seres mundanos. Afirma Heidegger (2005, p.169, grifos do autor):

Na análise feita até aqui, o âmbito daquilo que vem ao encontro dentro do mundo restringiu-se, de início, ao instrumento manual e à natureza simplesmente dada e, assim, aos entes destituídos do caráter da pre-sença. [...] O modo de ser da presença dos outros que vêm ao encontro dentro do mundo se diferencia da manualidade e do ser simplesmente dado. O mundo da pre-sença libera, portanto, entes que não apenas se distinguem dos instrumentos e das coisas mas que, de acordo com o seu modo de ser de pre-sença, são e estão 'no' mundo em que vêm ao encontro segundo o modo de ser-no-mundo.

Ao propor a distinção entre as relações, o autor enfatiza a mundanidade desses entes, que não apenas vem ao encontro de outros seres para lhes servir de instrumento, mas são e estão no mundo, reconhecendo-se em meio aos outros entes privilegiados. Segundo Weyh (2019), é em razão dessa condição de ser-com-os-outros que se aclara a segunda modulação do cuidado como preocupação (*Füsrorge*). Precisamente, Heidegger (2005, p. 173) afirma que “o ente, com o qual a pre-sença se comporta enquanto ser-com, também não possui o modo de ser do instrumento à mão, pois ele mesmo é pre-sença. Desse ente não se ocupa, com ele se preocupa”.

Frente a isso, é atinado afirmar que a modulação do cuidado enquanto preocupação incorre diretamente na relação do ser-aí com os outros seres existentes “no” mundo, sendo o cuidado apresentado como possibilidade justamente nesta relação de coexistência com outrem ou na convivência (WEYH, 2019).

Em contrapartida, antes de findar a corrente explanação, é forçoso acrescentar que a preocupação se desdobra de diferentes maneiras, não se restringindo à conotação afável que o uso corrente da expressão designa, mas exprimindo-se “[...] através do sentir-se tocado pelo outro, do sentimento pelo outro (amar, e odiar, por exemplo), na indiferença para com o outro e assim sucessivamente.” (WEYH, 2019, p. 88). Dessa maneira, o não se sentir tocado pelo outro é também concebido como uma das possibilidades de preocupação com o outro, tratada por Heidegger (2005) como um dos modos de estar-com.

Entrementes, o cuidado apresenta-se como essência do ser-no-mundo em meio às suas relações de ocupação e preocupação com os outros entes. De modo que mesmo a preocupação, que por vezes pode manifestar-se como indiferença para com o outro, é por



Heidegger (2005) tomada como uma das possibilidades do ser-aí cuidar. Em síntese, pode-se descrever formalmente “[...] o ser junto ao manual como *ocupação* e o ser como co-presença dos outros nos encontros dentro do mundo como *preocupação* (HEIDEGGER, 2005, 257, grifos do autor)”.

Nesse contexto, a partir das partes constituintes destacadas (facticidade, existencialidade e decadência), o cuidado pode ser definido como o ser do ser-aí, sua amálgama da existência. Formando a sua estrutura ontológica-existencial, apresenta-se como possibilidade, indicando formalmente de modo que o ser-aí é cuidado antes mesmo de compreender-se no mundo das relações de ocupação e preocupação com os demais entes (WHEYH, 2019).

A existência é cuidar, e o cuidado possui uma estrutura ôntico-ontológica. Não pode ser confundido como um simples exercício prático, mas antes como um modo de existência do ser-aí, e é a partir da unidade das três partes da definição tripartida “[...] que o ser-aí descobre o cuidado como possibilidade de existência própria.” (WHEYH, 2019, p. 82).

Em certa medida, ao eleger o cuidado como essência do ser-aí, Heidegger aduz uma crítica em relação à primazia da atividade prática e teórica, haja vista que essas atividades são possibilidades exclusivas de um ente privilegiado cujo ser determina-se como cuidado (ALMEIDA, 2008). Depreende-se, então, que o cuidado não é prático ou teórico, mas precede tais atividades, é condição para que estas ocorram, antes de se inserir em atividades práticas ou analisar tematicamente determinado fenômeno, o ser-aí ocupa entes intramundanos disponíveis e preocupa-se com os entes existentes no mundo.

A partir das explanações até aqui executadas, é possível afirmar que a analítica existencial de Heidegger (2005) culminou na compreensão do cuidado como ser do ser-aí, ente que tem em seu próprio modo de ser a compreensão do ser. Logo, o ser aparece comportado o cuidado, que é constituído a partir de uma estrutura tripla, da qual faz parte, além da facticidade e existencialidade, a decadência. Assim, o ser-aí é quando em uma decadência fica que imerso na cotidianidade mediana, no seu modo de ser mais impróprio, embora esta também seja uma possibilidade do ser-aí. A atribuição da decadência como constituinte do ser-aí implica dizer que seu modo de ser, ou cuidar, é sempre impróprio ou impessoal, restringindo-se à esfera das relações de ocupação e preocupação. Diante dessa opacidade que perturba a desocultação do cuidado na condição de essência, somos levados a questionar como o ser-aí pode ter acesso ao cuidado em seu sentido ontológico



e, com efeito, torná-lo transparente em meio ao obscurecimento provocado pela fatídica imersão na cotidianidade mediana?

5 A angústia como abertura para o poder-ser mais próprio: para o cuidado

O ser-aí já é sempre numa decadência. Percebe-se nos existenciais ser-no-mundo e com-os-outros, como exposto acima, que o ser-aí está absorto pela relação com os outros entes (HEIDEGGER, 2005). Não obstante, nessa relação está em jogo também o seu poder-ser mais próprio, visto que o ser do ser-aí não é determinado, mas sempre é um poder-ser — ou seja, um conjunto de maneiras possíveis de ser (LAVIOLA, 2013).

Tendo em conta a perene condição de decadência do ser-aí, tal como a paradoxal capacidade de sempre poder-ser mais próprio, Heidegger (2005) apresenta o fenômeno da angústia como abertura para que o ser-aí seja colocado diante de si mesmo, da sua totalidade originária que se desentranha como cuidado.

Heidegger (2005) contrasta o fenômeno da angústia com o temor, mostrando que, apesar da contiguidade fenomenal, ambos divergem no sentido em que a angústia, diferentemente do temor, não pode precisar sua causa. Logo, o “com o quê” a angústia se angustia não pode ser situado entre os entes intramundanos que vem à mão. Heidegger (2005, p. 250) aprofunda essa questão ao afirmar que:

Nada do que é simplesmente dado ou que se acha à mão no interior do mundo serve para a angústia com ele angustiar-se. A totalidade conjuntural do manual e do simplesmente dado que se descobre no mundo não tem nenhuma importância, ela se perde em si. O mundo possui o caráter de total insignificância. Na angústia, não se dá o encontro disso ou daquilo com o qual se pudesse estabelecer uma conjuntura ameaçadora.

Diante disso, a angústia não sabe por que se angustia, pois o fato ameaçador não se apresenta a olhos vistos. Todavia, ao asseverar que a ameaça não se encontra em “lugar algum”, Heidegger (2005) não tenciona realizar a descrição de um nada negativo, mas antes exprime a latência da angústia que está sempre presente, apesar da causa não ser visualizada, a angústia é definida pela assiduidade. “Está sempre presente. [...] Está tão próxima que sufoca a respiração, e, no entanto, em lugar algum” (HEIDEGGER, 2005, p. 250).

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que aquilo com que “a angústia se angustia é o mundo como tal” (HEIDEGGER, 2005, p. 252), é com o próprio existencial ser-no-mundo



que o ser-aí se angústia, pois é na angústia que acontece a suspensão da cadeia de significantes e sentidos do mundo, isso não implica, todavia, na inexistência dos entes intramundanos, mas em sua total insignificância (HEIDEGGER, 2005). Dessa maneira, o fenômeno da angústia leva ao estranhamento com o mundo dos entes e a uma conseqüente emancipação do arbítrio da cotidianidade mediana. Conseqüentemente, é neste instante que o ser-aí se vê diante da sua originária condição de poder-ser (WEYH, 2019),

Diante dessa suspensão de determinações constitutivas, o ser-aí toma conhecimento do acervo de possibilidades que lhe são próprias e é confrontado pela irredutível necessidade de deliberar sobre sua própria existência. É na angústia que a abertura “[...] para a possibilidade de propriedade e impropriedade se mostra numa concreção originária e elementar” (HEIDEGGER, 2005, p. 256).

Isso posto, constata-se que é depois da crise de angústia que o cuidado (*Sorge*), em seu sentido forte, revela-se para o ser-aí como uma possibilidade, haja vista a irrupção de abertura que o compele a optar por cuidar ou não (descuidar) de sua própria existência (WEYH, 2019). Em outros termos, a crise de angústia — ou a ruptura do sentido do mundo — não é definitiva, e o cuidado, de modo mais próprio é uma possibilidade do ser-aí ser.

Não se pode olvidar que a abertura que acompanha crise de angústia não reconduz, via de regra, o ser-aí para o seu modo de ser mais próprio. Como dito acima, trata-se antes da possibilidade de projetar-se para a propriedade ou impropriedade, sendo que esta última recoloca o ser-aí no seu modo de ser impessoal. Todavia, caso o ser-aí decida cuidar de si, então o cuidado apresenta-se em sua concreção originária, seu modo mais próprio de ser. Assim, vê-se no período pós-angústia a unificação dos existenciais fundamentais, o que representa afirmar que “na unidade dessas determinações ontológicas da pre-sença é que e poderá apreender ontologicamente o seu ser como tal” (HEIDEGGER, 2005, p. 256). O cuidado, assim, é essência na medida em que reúne os caracteres ontológicos fundamentais.

6 Considerações Finais

No decurso da realização do presente trabalho, verificou-se que o conceito de cuidado, na filosofia de Martin Heidegger, precisamente em sua obra *Ser e Tempo*, é apresentado de início a partir de sua definição tripartida, que se constitui pelos três



caracteres ontológicos fundamentais: facticidade, existencialidade e decadência. É na facticidade que o ser-aí se distingue como ser-no-mundo, envolvido em algumas de suas possibilidades e estabelecendo relações com-os-outros. Na existencialidade reside o antecipar-se-a-si do ser-aí. Sua existência é definida por possibilidades, através das quais lança-se em seus projetos, sejam esses próprios ou impróprios.

Ademais, evidenciou-se com o terceiro dos caracteres ontológicos, decadência (*Verfallen*), que o ser-aí está imerso na cotidianidade mediana, isto é, em seu modo de ser impessoal. “O ser-no-mundo já é sempre numa de-cadência” (HEIDEGGER, 2005, p. 245), e distancia-se de si próprio a partir de suas relações de ocupação (*Besorge*) e preocupação (*Füorge*). Dessa maneira, com os entes intramundanos, sendo aqueles que vem à mão, o ser-aí se ocupa, e com os outros seres existentes, se preocupa.

Disso se segue que o cuidado exige um não afastamento de si, do modo mais próprio de ser, de modo que imergir no impessoal junto ao “mundo” das ocupações revela que a pre-sença “foge” de si mesma com seu próprio poder-ser propriamente” (HEIDEGGER, 2005, 247, grifos do autor).

No entanto, o fenômeno da angústia revelou-se como disposição fundamental da abertura do ser-aí. Como visto, durante a crise de angústia, o mundo circundante se perde e já não tem nada a oferecer ao ser-aí (HEIDEGGER, 2005). Destarte, com a crise de angústia, a cotidianidade mediana é provisoriamente suspensa e o ser-aí encontra-se com sua constituição originária e fundamental, o poder-ser.

Cumprе reforçar, entretanto, que a crise de angústia não cauciona o envolvimento do ser-aí com seu modo de ser mais autêntico, mas das margens para que este delibere acerca de suas possibilidades. Neste ínterim, urge a necessidade atentar para, teoricamente, se estabelecer que possa haver vida ou pelo cuidado ou pelo descuidado (não cuidar). Pode o ser-aí atentar mais alertamente pela possibilidade mais própria do seu ser? Pode o ser-aí atar com o cuidado numa desocultação em seu sentido forte? Depreendeu-se que o cuidado é, portanto, intrínseco ao ser-aí, pois reúne a sua unidade estrutural, reúne todos os existenciais e representa a concreção de sua possibilidade mais autêntica de ser.

Assim, a situação pandêmica com a qual nos envolvemos nos últimos meses reafirma a necessidade de apreender o cuidado em seu sentido ontológico, marcar as situações e condições em que o cuidado não aparece como superação de uma condição



limitadora. A preocupação com o cuidado tem se manifestado em larga escala durante a corrente crise, todavia, exprime apenas superficialmente a necessidade ôntica de preocupar-se e ocupar-se-com-os-outros. A difusão de medidas protetivas instrumentais e utilitaristas outorga a condição de impessoal e mantém-nos em um cuidado inautêntico.

Entendemos que o ser-aí, quando envolvido com o cuidado situado como sua essência, ressignifica a sua lida com a cotidianidade mediana e reposiciona-se frente à sua relação com os outros entes com o propósito de ampliar seus horizontes de possibilidades. O ser-aí que cuida abre-se às possibilidades e é igualmente abertura de possibilidades.

Inquestionavelmente, a nefasta pandemia do Covid-19 proporciona danos irremediáveis. No entanto, traz à baila a necessidade de romper paradigmas fortemente sedimentados que sustentam esse ente, que nós mesmos sempre somos, em sua visão turva de cuidado. Defendemos que o pensamento filosófico de Martin Heidegger oferece aportes impreteríveis para repensar tais paradigmas e reabilitar os afetados pela crise de saúde a direcionar sua existência segundo preceitos que devolvem ao homem a possibilidade de escolher as atitudes pessoais que se assume mediante às vicissitudes inerentes à existência.

Não se pode perder de vista a necessidade de aprofundar o tema em pesquisas futuras e considerar as limitações do presente estudo, que se restringiu a uma revisão de literatura. Em pesquisas vindouras, é pertinente apurar mais leituras sobre a relação do ser-aí com o isolamento social, além de ampliar a compreensão do conceito de cuidado com a investigação de outros autores que versaram sobre o tema. Nosso estudo apresenta uma compreensão do cuidado na obra de Heidegger, como essência do ser-aí, e o apresenta como uma potencial possibilidade de mudanças paradigmáticas, que possibilitaria pensar novas formas de enfrentamento para lidar com períodos de crise, sobre a base de uma noção de cuidado mais autêntico.



REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 5 ed. São Paulo: Martins fontes, 2007. 1026p.

ALMEIDA, R. O Cuidado na Primeira Secção de Ser e Tempo. *Revista Eletrônica do Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Arte*. São João Del-Rei, IV. Jan. e dez. de 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Corona Vírus (COVID-19): o que você precisa saber*. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 2 de out. de 2021.

CASANOVA, M. A. *Nada a caminho*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. 2006.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo: parte I*. 15 ed. Universidade São Francisco: Editora Vozes, 2005.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo: parte II*. 15 ed. Universidade São Francisco: Editora Vozes, 2005.

LAVIOLA, B. R. P. *O ser que cuida e é cuidado na Perspectiva do Dasein de Heidegger*. 2013. 38p. Monografia (Licenciatura em Filosofia) — Instituto Santo Tomás de Aquino, Belo Horizonte, 2013.

PEGORARO, E. O Cuidado como Essência do Ser-aí na Obra Ser e tempo de Martin Heidegger. In: CARDOSO, R. *et al. STVDIVM Heidegger: Presença Marcada em Toledo*. Toledo – PR: Instituto Quero Saber, 2020.

PRODANOV, C. C; FREITAS C. E. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Ed. *Feevale*. Novo Hamburgo. 2013.

WEYH, K. M.; *Do Cuidado como Essência do Ser-aí em Heidegger*. 2019. 112p. Dissertação (Pós-Graduação em Filosofia) – (Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Paraná, 2019.



AZEREDO, Jéferson Luís; MAZON, Janaína Niero; JUSTINA, Joyce Della; FRETTE, Gustavo Carvalho. O CONCEITO DE CUIDADO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE MARTIN HEIDEGGER. *Kalagatos*, Fortaleza, Vol.19, N.1, 2022, eK22005, p. 1-15.

